



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA BENTO XVI À TURQUIA
(28 DE NOVEMBRO A 1º DE DEZEMBRO DE 2006)

***DISCURSO DO SANTO PADRE
DURANTE O ENCONTRO COM O PRESIDENTE
DOS ASSUNTOS RELIGIOSOS DA TURQUIA***

Ankara, 28 de Novembro de 2006

Excelências, Senhoras e Senhores!

Estou grato pela oportunidade de visitar esta terra, tão rica de história e de cultura, para admirar as belezas naturais, para ver com os meus olhos a criatividade do Povo turco, e para experimentar a vossa antiga cultura assim como a vossa longa história, quer civil quer religiosa.

Logo que cheguei à Turquia, fui gentilmente recebido pelo Presidente da República. Foi para mim uma grande honra também encontrar e saudar o Primeiro-Ministro, Senhor Erdogan, no aeroporto. Ao saudá-los, tive a honra de expressar o meu profundo respeito por todos os habitantes desta grande Nação e de honrar, no seu Mausoléu, o fundador da moderna Turquia, Mustafa Kemal Atatürk.

Tenho agora a alegria de me encontrar com Vossa Excelência, que é o Presidente do Directorado para os Assuntos Religiosos. Apresento-lhe a expressão dos meus sentimentos de estima, reconhecendo as suas grandes responsabilidades, e faço extensiva a minha saudação a todos os Representantes religiosos da Turquia, especialmente aos Grão-Muftis de Ankara e Istambul. Na sua pessoa, Senhor Presidente, saúdo todos os muçulmanos da Turquia com particular estima e consideração afectuosa.

O seu País é muito querido aos cristãos: muitas das comunidades primitivas da Igreja foram fundadas aqui, onde alcançaram a maturidade, inspiradas pela pregação dos Apóstolos, particularmente de São Paulo e de São João. A tradição que chegou até nós afirma que Maria, a Mãe de Jesus, viveu em Éfeso, na casa do apóstolo São João.

Além disso, esta nobre terra viu um considerável florescimento da civilização islâmica nos âmbitos mais variados, inclusive a literatura e a arte, assim como as instituições.

Encontram-se aqui numerosos monumentos cristãos e muçulmanos que testemunham o passado glorioso da Turquia. Disto vós vos sentis justamente orgulhosos, preservando-os para a admiração de um número cada vez maior de visitantes que aqui vêm com mais frequência.

Preparei-me para esta visita na Turquia com os mesmos sentimentos expressos pelo meu Predecessor, o Beato João XXIII, quando chegou aqui como Arcebispo Angelo Giuseppe Roncalli, para cumprir o cargo de Representante Pontifício em Istambul: "Sinto que estimo o Povo turco, junto do qual o Senhor me enviou... Eu estimo os Turcos, aprecio as qualidades naturais deste Povo, que também tem o seu lugar preparado no caminho da civilização" (*Giornale dell'anima*, 231.237).

Por meu lado, também eu desejo ressaltar as qualidades da população turca. Faço aqui minhas as palavras do meu imediato Predecessor, o Papa João Paulo II de venerada memória, o qual disse, por ocasião da sua visita em 1979: "Pergunto-me se não é urgente, precisamente hoje, momento em que os cristãos e os muçulmanos entraram num novo período da história, reconhecer e desenvolver os vínculos espirituais que nos unem, a fim de promover e defender juntos os valores morais, a paz e a liberdade" (*À comunidade católica de Ankara*, 29 de Novembro de 1979, 3).

Estas questões continuaram a surgir ao longo dos anos sucessivos; de facto, como realcei precisamente no início do meu Pontificado, elas estimulam-nos a dar continuidade ao nosso diálogo como um sincero intercâmbio entre amigos. Quando tive a alegria de encontrar os membros das comunidades islâmicas no ano passado em Colónia, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, reafirmei a necessidade de enfrentar o diálogo inter-religioso e intercultural com optimismo e esperança. Ele não pode ser limitado a mais uma opção: ao contrário, ele é "uma necessidade vital, da qual depende em grande medida o nosso futuro" (*Aos representantes das comunidades islâmicas*, Colónia, 20 de Agosto de 2005).

Os cristãos e os muçulmanos, seguindo as suas respectivas religiões, chamam a atenção sobre a verdade do carácter sagrado e da dignidade da pessoa. Esta é a base do nosso respeito e estima recíprocos, esta é a base para a colaboração ao serviço da paz entre as nações e os povos, o desejo mais querido de todos os crentes e de todas as pessoas de boa vontade.

Durante mais de quarenta anos, o ensinamento do Concílio Vaticano II inspirou e guiou a abordagem feita pela Santa Sé e pelas Igrejas locais de todo o mundo nas relações com os seguidores das outras religiões. Em continuidade com a tradição bíblica, o Concílio ensina que todo o género humano partilha uma origem comum e um mesmo destino: Deus, nosso Criador e fim da nossa peregrinação terrena. Os cristãos e os muçulmanos pertencem à família de quantos

crêem no único Deus e que, segundo as respectivas tradições, fazem referência a Abraão (cf. Concílio Vaticano II, Declaração sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs *Nostra Aetate*, 1, 3). Esta unidade humana e espiritual nas nossas origens e nos nossos destinos estimula-nos a procurar um percurso comum ao fazermos a nossa parte naquela busca de valores fundamentais que é tão característica das pessoas do nosso tempo. Como homens e mulheres de religião, somos colocados diante do desafio da difundida aspiração à justiça, ao desenvolvimento, à solidariedade, à liberdade, à segurança, à paz, à defesa do ambiente e dos recursos da terra. E isto porque também nós, ao respeitarmos a legítima autonomia das coisas temporais, temos uma contribuição específica para oferecer à busca de soluções adequadas para estas urgentes questões.

Em particular, podemos oferecer uma resposta credível à questão que emerge claramente da sociedade hodierna, mesmo se com frequência ela é posta de lado, isto é, a questão relativa ao significado e à finalidade da vida, para cada indivíduo e para toda a humanidade. Somos chamados a trabalhar juntos, de modo a ajudar a sociedade a abrir-se ao transcendente, reconhecendo a Deus Onnipotente o lugar que lhe compete. O melhor modo para ir em frente é o diálogo autêntico entre cristãos e muçulmanos, baseado na verdade e inspirado no desejo sincero de se conhecer melhor uns aos outros, respeitando as diferenças e reconhecendo o que temos em comum. Isto levará contemporaneamente a um respeito autêntico pelas opções responsáveis que cada pessoa realiza, especialmente as que se referem aos valores fundamentais e às convicções religiosas pessoais.

Como exemplo do respeito fraterno com que os cristãos e os muçulmanos podem trabalhar juntos, aprez-me citar algumas palavras dirigidas pelo Papa Gregório VII, no ano de 1076, a um príncipe muçulmano do Norte de África, que agiu com grande benevolência para com os cristãos colocados sob a sua jurisdição. O Papa Gregório VII falou da especial caridade que cristãos e muçulmanos se devem reciprocamente, porque "nós cremos e confessamos um só Deus, mesmo se de modo diferente, louvamo-lo e veneramo-lo todos os dias como Criador dos séculos e governador deste mundo" (PL 148, 451).

A liberdade de religião, institucionalmente garantida e efectivamente respeitada, quer para os indivíduos quer para as comunidades, constitui para todos os crentes a condição necessária para a sua leal contribuição para a edificação da sociedade, numa actitude de serviço autêntico, sobretudo em relação aos mais vulneráveis e pobres.

Senhor Presidente, desejo terminar louvando o Deus Onnipotente e Misericordioso pela feliz ocasião que nos proporciona de nos encontrarmos juntos no seu nome. Rezo a fim de que este seja um sinal do nosso compromisso comum no diálogo entre cristãos e muçulmanos, assim como um encorajamento a perseverar neste caminho, no respeito e na amizade. Faço votos por que possamos chegar a conhecer-nos melhor, fortalecendo os vínculos de afecto entre nós, no desejo comum de viver juntos em harmonia, em paz e na confiança recíproca. Como crentes,

haurimos da oração a força necessária para superar qualquer vestígio de preconceito e oferecer um testemunho comum da nossa firme fé em Deus. Que a sua bênção esteja sempre sobre nós! Obrigado!

© Copyright 2006 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana